

João Luís Lisboa

**Hayden White, Ricoeur
e os desafios morais da História**

Tomando *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (2000) de Paul Ricoeur como continuação e chave de *Temps et récit* (1983-85), Hayden White discute os problemas e as responsabilidades do historiador associando-as ao modo como entende a relação entre presente e passado.

Palavras-chave: Paul Ricoeur; Hayden White; memória; passado prático.

**Hayden White, Ricoeur and
the moral challenge of History**

Taking Paul Ricoeur's *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (2000) as a follow-up and as a key to read *Temps et récit* (1983-85), Hayden White discusses the problems and the responsibilities of the historian, linking them with the ways in which he understands the relationship between present and past.

Keywords: Paul Ricoeur; Hayden White; memory; practical past.

Hayden White, Ricoeur e os desafios morais da História

João Luís Lisboa*

“Guilty of History? The *longe durée* of Paul Ricoeur,”
History & Theory 46 (May 2007): 233-51 (republicado
em *The Fiction of Narrative. Essays on History,
Literature and Theory 1957-2007* [Baltimore,
The John Hopkins University Press, 2010], 318-39).

A pretexto do livro *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (2000) e do falecimento, em 2005, de Paul Ricoeur, que o escreveu, Hayden White publica, em 2007, uma reflexão sobre memória, cidadania e o papel da história. Começa por parecer uma nota de leitura. Parte de um livro para falar do percurso de um autor e escapa a esse autor para colocar questões que incomodam. Hayden White pode, assim, regressar à obra de Ricoeur. Facilmente se entende que aprecia a reflexão sobre o carácter narrativo da história, o questionamento do lugar do historiador, a função cívica do discurso histórico e como, em contrapartida, se sente desafiado quando reconhece que Ricoeur escreve contra as ameaças do relativismo e do cepticismo, contra a moda do multiculturalismo e a celebração de razões locais, aceitando noções de ciência que White não partilha. Desafiado, mas não ameaçado, porque as questões levantadas por Ricoeur vão são problemas do próprio Hayden White. Desde logo, porque Ricoeur combate o fetichismo do singular, que leva à ilusão da

* NOVA-FCSH, CHAM - Centro de Humanidades (jll@fcs.unl.pt).

não necessidade da teoria. Depois, porque sempre recusou uma noção de história como espaço de contemplação ou de passividade. Os dois aspectos estão ligados porque é o império do singular que leva a posições predominantemente descritivas.

Daí este texto não ser uma simples recensão, mas a discussão de problemas sobre a historiografia nos nossos dias, e sobre os “nossos” dias, ou seja, sobre o modo como se entende o presente e o seu papel na condição histórica, sobre o entendimento de modernidade e de pertença a um tempo, com profundidades e cortes diferenciados. A suspeita de que uma posição hermenêutica convida necessariamente à contemplação, a partir de um potencial mal-estar, é, aqui, contrariada.

Hayden White já produzira uma extensa reflexão a propósito de *Temps et récit* (1983-1985), em textos publicados entre 1984 e 1988.¹ Então era claro que a problematização do trabalho de narrar, o “mettre en intrigue”, ia ao encontro do seu “emplotment”, convergindo na forma como se entendia o carácter metafórico das narrativas e criticando uma História que mantinha a quimera da pura objectividade. Aparentemente, a preocupação de Ricoeur em distinguir o tipo de narrativa de historiadores e romancistas, a partir dos seus referentes imediatos (“reais” e “imaginários”), não ofuscava a convergência maior em torno da noção de referentes últimos comuns (o que é identificado como força e não como fraqueza da História).

O livro de 2000 surge como uma sequela da obra de 1983-85 por, alegadamente, a questão da relação entre memória e esquecimento ter ficado fora do projecto inicial. O esquecimento fora temporariamente esquecido. Sucede que os conflitos da memória dos anos 90 tinham criado novas urgências e, seguindo a leitura de White, algumas dessas urgências são também as suas.

1 Sobretudo em “The Rule of Narrativity: Symbolic Discourse and the Experiences of Time in Ricoeur’s Thought,” in *À la recherche du sens/In Search of Meaning* (Ottawa: Univ. of Ottawa Press, 1985), republicado como “The Metaphysics of Narrativity: Time and Symbol in Ricoeur’s Philosophy of History,” in *The Content of the Form. Narrative Discourse and Historical Representation* (Baltimore: The John Hopkins University Press, 1987), 169-84. Ver também “The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory,” *History & Theory* 23, no 1 (1984), republicado também em *The content of the form*, 26-57, e “Literary Theory and Historical Writing,” in *Figural Realism. Studies in the Mimesis Effect* (Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999), 1-26, que republica um ensaio de 1988.

O juízo a que chega é sintetizado quando escreve que *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, “Ricoeur’s great book – and it is a great book – challenges all of the common places in which we simultaneously praise ourselves for being so enlightened, so ‘modern’, and wring our hands over the current generation’s lack of ‘values’ and flight from history”. Questões maiores são, neste declarado “grande livro“, escrito por alguém que foge da posição do profeta, as interrogações sobre a modernidade, sobre o lugar da memória, sobre a natureza da história e sobre a relação entre os historiadores profissionais e os cidadãos, sobre a condição da historicidade que liga passado e presente e que o faz a partir da centralidade dos desafios morais que a história coloca e, finalmente, sobre o modo como os grandes crimes do século XX obrigam a uma reflexão sobre a modernidade, a história e a sua relação com a memória.

Sublinho o destaque dado à posição de recusar simultaneamente deslumbramentos e angústias perante a mudança dos tempos, a modernidade tão esperada ou tão temida. Espera e temor partilham, afinal, a centralidade de quem se louva ou se lamenta e de quem se imagina protagonista ou vítima da mudança. Nessa dupla recusa vemos quem publica em 2007, tanto ou mais do que o objecto da leitura, o livro de 2000.

A motivação próxima de Ricoeur está nos conflitos de memória que reactivaram situações de extrema violência na Europa no final do século XX, o retomar da discussão sobre os grandes crimes e o seu lugar na história ou fora dela, a relação entre história e memória e entre narrativa e verdade. O regresso do horror cruza a memória de dois modos, porque ela é razão e instrumento da violência.

Hayden White não pretendia discutir a situação nos Balcãs ou a má consciência dos franceses perante Vichy. Mas o apelo do livro remetia para o seu próprio percurso, desde o que escrevera em “The Burden of History” (1966) sobre o passado como escolha, até aos dilemas morais do final do século XX, provocados pela questão da verdade dos grandes crimes. Retoma-se a noção de que, se nada no passado significa por si só, mas sempre em função de uma posteridade que escolhe, assumem-se e abandonam-se os passados de acordo com os sentidos atribuídos, numa relação necessária entre o presente de quem olha e

aquilo que escolheu ou decidiu preferir. O que vale também para o que se esquece ou se recalca. É certo que a ideia de recalçamento implica uma presença não desejada de dados do passado, e que a noção de patologias da memória se relaciona também com o ter de encarar um passado que, por razões diversas, se impõe à posteridade.

Tendo a comunidade esquecido de esquecer, enfrenta uma presença indesejada e necessita de um qualquer remédio. Mas o esquecimento poderia significar que não se vive o que já se soube, ou que algo persiste fora do olhar da comunidade que esqueceu. Não é esse o sentido razoável que a leitura sugere. Escolhe-se e filtra-se. Reconhece-se o peso excessivo que porventura faz sofrer uma comunidade, libertando-a desse peso.

Demasiada História, escreve White, no sentido de comunidades com narrativas sobrecarregadas de si próprias e com um impensado doloroso, feito de ressentimentos que as narrativas autocentradas reproduziram como patologias. O problema do esquecimento está em distingui-lo do recalçamento, obrigando a questionar o excesso de peso dessas narrativas identitárias. Não se trata de apagar, mas de saber o que se escolhe e porque se escolhe. O “nós” de qualquer comunidade não é um castigo, nem as suas fronteiras (como identidade e duração) são fixas.

Aqui residiria por excelência o passado prático materializado na memória e que simboliza, para White, não o reduto do saber difuso das comunidades oposto à história dos historiadores, mas as narrativas mais abertas às dimensões éticas e políticas que tradicionalmente não se encontram nas historiografias fechadas em dimensões epistemológicas e ontológicas. “O que realmente se passou” ou “como é possível conhecer o que se passou” são problemas que se colocam porventura através da separação entre presente e passado, pressupondo um passado que se descobre e que não se constrói. Por isso, o “passado prático” de Michael Oakeshott (a que White se refere com frequência) não é o seu. Esse passado prático, feito de uma mistura de memórias e informações mobilizadas no quotidiano, opõe-se a um passado histórico, puramente teórico, resultante do trabalho dos historiadores, sobre fontes e vestígios, existente apenas nas páginas por eles escritas e sem qualquer

utilidade ou substância. Um construtivismo radical que não é o de White, como não é o de Ricoeur. Resulta numa empresa puramente intelectual, sem uso possível para as grandes interrogações de todo o tipo que a humanidade se coloca. Essa separação parte da preocupação de salvaguardar o saber ocidental de “deformações ideológicas” e de, ao fazê-lo, assumir um papel contemplativo e passivo para a história. Pode parecer estranho trazer à conversa um autor que não pertence ao universo que está em discussão. White diz mesmo que não conhece qualquer referência recíproca entre o britânico e o francês. Mas esse confronto clarifica campos e perspectivas. Serve-lhe para apresentar aquilo que a hermenêutica de Ricoeur não é.

Se as temporalidades não são geometrias variáveis do passado, mas dimensões da consciência do presente de uma comunidade, na sua relação com o que tem por relevante do que já se passou, e com o seu projecto, há que interrogar os modos como a historiografia lida com a ideia de que o passado permanece. O seu carácter construído é ainda relevante pois esclarece os sentidos da permanência. A grande separação, assim, seria entre estar-se interessado no passado “por si próprio” e estar-se interessado em colocar questões que sejam relevantes para a vida presente, o que, para White, configura a diferença entre as tradições “conservadora” e “radical” na reflexão histórica. Para dar nomes às tradições, esta seria a grande diferença entre Ranke e Marx, no século XIX, ou entre Hexter e Foucault, no século XX.

A convicção de que seria errado ficar por explicações que os próprios agentes históricos podiam dar das suas acções ou dos eventos em que participavam estava já nos textos dos anos 80. Mas em 2000 a situação desloca-se para o sentido problemático de muitas dessas acções e da sua memória. Não é apenas o historiador que revisita um acontecimento traumático passado. A memória colectiva torna esse acontecimento presente. Revisitar os grandes crimes do século XX, com os traumas que daí resultaram, nasce da necessidade que Ricoeur sentia de agir sobre esses traumas e sobre essa memória. Não pretendia certamente ficar pela descrição dos problemas, mas compreendê-los na sua continuidade. No modo como o passado era/estava ainda presente

e, por conseguinte, pensar o que, no conhecimento que a história pode produzir, se devia mobilizar para enfrentar os problemas persistentes, identificados como patologias. Daí também o título do ensaio incluir a expressão “longue durée”.

Se regressarmos à ideia de passado como escolha, entende-se que essa escolha será livre no sentido em que quem a faz não está preso a um real pré-definido, nem a uma linha fechada de ocorrências, que o liga a opções e a responsabilidades de gente já desaparecida. Mas trata-se de uma escolha feita nas condições disponíveis, seja dos testemunhos, seja das circunstâncias que tornam relevante uma escolha e não outra (retomando a conhecida fórmula de Marx no *18 de Brumário*). O que significa que essa liberdade condicionada é também a de Hayden White quando se sente obrigado a contrariar os discursos negacionistas. A história oscila, assim, entre os discursos possíveis e os que as circunstâncias tornam necessários. Ou seja, as narrativas a construir nunca são arbitrárias e, se têm bases epistemológicas, têm também bases morais e políticas. Essas escolhas e a sua liberdade implicam novas responsabilidades. Não as que poderiam decorrer de laços essenciais entre a comunidade a que o historiador pertence e outras, passadas, marcadas por genealogias retroactivas, mas as responsabilidades do historiador face ao seu presente e a um possível futuro. O passado presente não teria de implicar essa responsabilidade se o historiador se limitasse a descrever o que lhe aparecia já dado. Se não colocasse perguntas a partir de critérios de relevância que são os dele. Se essas perguntas não levassem à construção de nexos e de explicações com recurso às estratégias discursivas e retóricas que são as dele. E, finalmente, se as narrativas a que chega, os cortes que considera significativos, os modos como se recusa ou se assume uma herança não tivessem consequências para a comunidade.

BIBLIOGRAPHY

White, Hayden. "The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory," *History & Theory* 23, no. 1 (1984), 1-33.

White, Hayden. "The Rule of Narrativity: Symbolic Discourse and the Experiences of Time in Ricoeur's Thought," in *À la recherche du sens/In Search of Meaning*. Ottawa: Univ. of Ottawa Press, 1985.

White, Hayden. "The Metaphysics of Narrativity: Time and Symbol in Ricoeur's Philosophy of History," in *The Content of the Form. Narrative Discourse and Historical Representation*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1987, 169-184.

White, Hayden. "The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory," *The Content of the Form. Narrative Discourse and Historical Representation*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1987, 26-57.

White, Hayden. "Literary Theory and Historical Writing," in *Figural Realism. Studies in the Mimesis Effect*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999, 1-26.

Referência para citação:

Lisboa, João Luís. "Hayden White, Ricoeur e os desafios morais da História." *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 6 (2018): 97-104.